

293

**POR UMA ARQUITETURA QUE SE MOVE / PARTE 1 / DO OLHO DO PÁSSARO.** *Letícia Utermoehl, Carla Wille Kielwagen, Douglas Vieira de Aguiar (orient.) (UFRGS).*

O trabalho estuda a forma espacial do camelódromo e, em natural decorrência, o contraste que essa forma espacial produz ao encontrar-se com a arquitetura da cidade. A pesquisa busca descrever a mecânica espacial, o modus operandi do camelódromo e, nessa busca, se confronta com a metamorfose diária sofrida pela Praça XV ao receber o camelódromo. A praça se transforma ao longo do dia tomada por um organismo vivo, que vai crescendo, ocupando espaços e reagindo na hora às condições, seja de vento, de sol ou de chuva. O organismo é esperto; reage rápido à mudança. A pesquisa se propõe a descrever esse fenômeno. O método de trabalho envolve observações e diferentes tipos de registro. Duas descrições são elaboradas. A primeira (parte 1) mostra o camelódromo visto de cima, em planta, como algo observado ao microscópio. A segunda (parte 2) mostra o camelódromo visto do chão, através; do ângulo do observador em movimento. A parte 1, objeto desse resumo, mostra o relato fotográfico da distribuição espacial do camelódromo, visto de cima, fotografado desde os edifícios que o circundam, se modificando ao longo do dia, sob diferentes condições climáticas. A associação entre o estético e o pragmático dessa transformação é central na descrição mostrada. A pesquisa, ao estudar a espacialidade do camelódromo da Praça 15, busca mostrar nessa situação as lições de uma arquitetura produzida coletivamente, uma arquitetura provida da racionalidade prática que legitima as soluções arquitetônicas originadas no senso comum. O tema é particularmente apropriado no atual momento de crise generalizada na teoria da arquitetura onde os temas da descontinuidade, da fragmentação e do movimento predominam. (PIBIC).